

# UM DIA DE CANDIDATO

Jorge Cardoso



Rodrigo Rollemberg

## O homem da paz é arroz de festa

Rovênia Amorim  
Da equipe do Correo

Das nove da manhã às sete da noite do domingo passado, o pré-candidato a deputado distrital e ex-secretário de Turismo, Rodrigo Rollemberg, beijou o rosto de 39 mulheres, abraçou e deu dois fortes tapas nos ombros de 77 pessoas e apertou a mão de outros 143 conhecidos.

Foram 202 quilômetros rodados e 15 horas de campanha. Os cumprimentos, que ficaram incontáveis das 19h em diante, só terminaram à uma da madrugada de segunda-feira, quando Rollemberg deixou o bar Coconut, no Parque da Cidade, e foi para casa dormir.

Para se promover, Rollemberg abusou da fama de marqueteiro que ganhou no Governo do Distrito Federal. Cumprido toda a agenda vestindo a camiseta branca que mandou confeccionar, na qual estava escrito: "Sou Rodrigo Rollemberg. Sou da Paz."

Ainda bem que ele avisou. Porque nem todo mundo reparou. "Quem é ele? O Rodrigo Rollemberg?", espantou-se a engenheira civil Célian Pinheiro, instantes depois de receber um aperto de mão.

Pior que isso, só o encontro de Rollemberg com a empregada doméstica Delmíria de Jesus na rodoviária do Plano Piloto. "Escuta, aquele que vai ali é o Estevão?", perguntou a moça ao ex-secretário de Turismo. "É sim. Gritá, que ainda dá para ele ouvir", sugeriu Rollemberg. "Ah, não. Agora ele não vai voltar aqui, que azar. Precisa muito sair quando ele vai comprar os remédios da minha mãe", explicou Delmíria, desolada.

Rollemberg ouviu a lamúria e emendou: "Que remédios são? Eu também sou deputado. Talvez possa te ajudar", disse. "Ah? Quem é o senhor?", admitiu-se a mulher. "Sou o Rodrigo Rollemberg", apresentou-se, apontando para a camiseta que vestia.

### IMPROVISO

Além do carisma que distribui, como se fosse íntimo de cada eleitor que cumprimenta, o homem que adora, promove e oficialmente perde festa aproxima-se de qualquer amontoado de jovens, seu público-alvo nessas eleições. Mostra popularidade: acena, aplaude, dança. Pede votos.

E haja festa para ir. Só no domingo foram três, inclusive um show de rock



Rollemberg na chegada do Meeting de Ciclismo

na Candangolândia e a despedida de Carla Perez, do grupo *E o Tchan*, no Iate Clube.

Dois compromissos não estavam previstos na agenda. Bastou o telefonema de um amigo, dizendo que a festa estava boa, lotada, para Rollemberg se entusiasmar e ir conferir o churrasco na casa da ML 12 do Lago Norte. "Valeu a pena. Colocaram a casa à minha disposição", comentou a dois assessores de campanha.

O outro improviso do dia não precisou nem de aviso. Assim que viu o movimento de gente no bar Coconut, enquanto passava pelo Parque da Cidade, decidiu que era importante parar. Novamente distribuiu mais beijos, mais abraços e mais apertos de mãos. Mesmo depois da exaustiva maratona do dia — entrou e saiu 15 vezes do carro e passou por 12 locais diferentes.

### ELÓGIO

E não faltou fôlego para quem foi dormir às 5h30 do domingo e já às 9h15 chegava à 704 Sul, na Praça do Compromisso. Ficou lá por quase uma hora. Assistiu à dança dos índios e a homenagem ao índio pataxó Galdino Jesus dos Santos.

Depois da Caminhada da Paz, no Eixão Sul, Rodrigo Rollemberg marcou presença no Meeting Internacional de Ciclismo, que era realizado na mesma hora no Eixão Norte. Mas não era o suficiente para quem quer se eleger. Ficou pouco tempo na Caminha-

da. Precisava ser mais notado.

Lá vai ele de novo. Entra no Fiat Pi-vo vermelho, de quatro portas, — que o amigo e assessor Tavinho empresta para a campanha — e retorna para o Eixão Sul. Agora sim. Anda um pequeno trecho, do Setor Bancário Sul até a Rodoviária, e carrega a faixa que pede paz. Foi visto e fotografado. Está valendo.

Dois dos 143 apertos de mão foram para políticos adversários nessa campanha. O colega de Câmara Legislativa, Luiz Estevão e o ex-governador Joaquim Roriz (os dois do PMDB). Cordialidades e até um elogio: "Você soube cavar muito bem o seu espaço", disse Estevão, referindo-se à popularidade de Rollemberg no comando da Secretaria de Turismo. Logo depois, o encontro com Roriz. O diálogo é rápido e a expressão do ex-governador é de surpresa e visível desconforto.

Até o almoço de comemoração dos 31 anos do motorista da mãe de Rollemberg virar ocasião para pedir votos. Na casa simples, no Jardim Roriz, em Planaltina, Rollemberg é recebido com estradas colocadas no chão de terra batida, o candidato a distrital tenta convencer uma senhora a votar em Cristovam.

"Eu voto é no Roriz", respondeu Mariana Cordeiro Paixão, 57 anos. "Mas em você eu voto também. Pode ficar tranquilo", garantiu. "Que bom, Deus é pai", deu-se por satisfeito o ex-secretário de Turismo.

# Entre churrascos e cultos evangélicos, deputados saem à caça de votos

A LEI ELEITORAL DETERMINA QUE A CAMPANHA PARA AS ELEIÇÕES SÓ COMEÇA OFICIALMENTE NO DIA 6 DE JULHO, MAS QUEM QUER SE ELEGER JÁ ESTÁ NAS RUAS ATRÁS DE ELEITORES. O **CORREIO BRAZILIENSE** ESCOLHEU TRÊS DESSES CANDIDATOS — UM DE CADA CORRENTE POLÍTICA NO DISTRITO FEDERAL — E ACOMPANHOU, NO FINAL DE SEMANA PASSADO, UM DIA DE CAMPANHA DE CADA UM DE-

LES. O DEPUTADO DISTRITAL PENIEL PACHECO, QUE TENTA A REELEIÇÃO NA CHAPA DA TERCEIRA VIA, DEDICOU O DOMINGO A CUIDAR DO SEU REBANHO. PASTOR DA ASSEMBLÉIA DE DEUS, PENIEL PARTICIPOU DE TRÊS CULTOS EVANGÉLICOS E UM ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO. BEM DIFERENTE DO EX-SECRETÁRIO DE TURISMO, RODRIGO ROLLEMBERG, DA FRENTE BRÁSILIA POPULAR, QUE ADORA UMA FESTA. NO

MESMO DOMINGO, ROLLEMBERG FOI A TRÊS FESTAS E AINDA PRESTIGIOU O TCHAN FINAL DE CARLA PEREZ NO IATE CLUBE. O SÁBADO FOI DIA DO DISTRITAL TADEU FILIPPELLI, DO PMDB. ELE VISITOU SÃO SEBASTIÃO, MARCOU PRESENÇA EM UM CHURRASCO E PASSOU BOA PARTE DO TEMPO DRIBLANDO OS RADARES ELETRÔNICOS PARA CONSEGUIR CHEGAR COM RAPIDEZ A TODOS OS COMPROMISSOS.

Carlos Moura



Tadeu Filippelli

## Maratona em alta velocidade

Lisandra Paragussú  
Da equipe do Correo

Eram 9h de sábado quando o café da manhã na casa de Íris dos Santos, na quadra A do setor Oeste do Gama, foi servido. Pelo menos duas horas mais tarde do que a rotina normal da família, mas nem mesmo a fome fez com que os moradores e seus vizinhos avançassem na mesa. Não antes de ouvir o que o deputado distrital Tadeu Filippelli (PMDB) tinha a dizer.

O convidado de honra chegou meia hora atrasado, falou por 15 minutos, comeu um pedaço de bolo, apertou a mão de 64 pessoas, beijou outras tantas e cobriu dos adolescentes o título de eleitor.

"Deputado, por favor, veja se o senhor pode me ajudar. Estou desesperada". Começavam os pedidos. Regina dos Santos, mãe de um menino de 18 anos com problemas mentais, queria uma vaga em um sanatório para o filho.

O primeiro dos onze compromissos que Filippelli enfrentou no sábado, dia 18, foi uma mostra do que é a rotina do candidato à Câmara dos Deputados nas eleições de outubro deste ano — embora a campanha propriamente dita ainda não devesse ter começado.

Acompanhado da mulher, Célia, e do assessor Ruben Bender, Filippelli percorreu 365 quilômetros pelo Distrito Federal entre às 7h30min, quando deixou sua casa no Lago Sul, até às 23h, hora em que saiu do último encontro.

"Andamos sem entrar no Plano Piloto para não pegar os pardais, ou não conseguirmos ir a todos os lugares", explicou o deputado. A caminhonete Blazer branca cortava as estradas muito além da velocidade permitida. Mas nem precisava evitar o Plano Piloto. Filippelli, afinal, sabe muito bem onde estão todos os radares. No início do ano passado, ele gastou cerca de R\$ 4.500 para imprimir um folheto com mapas mostrando onde está cada um dos pardais do DF.

Nas 11 horas da maratona, o deputado fez sete discursos, todos devidamente adaptados à plateia que o estava ouvindo. "Qual é o problema de vocês aqui?", perguntou aos empresários de Taguatinga e Ceilândia. A resposta: asfalto e telefones. "Não é tão difícil". No discurso, a garantia: "Vamos trabalhar para

que esta comunidade possa realizar o sonho de ter o asfalto."

### ROSA

Até o fim do dia, Filippelli apertou a mão de quase 500 pessoas, distribuiu beijos, ouviu pedidos os mais diversos. Em cada compromisso, um comício improvisado.

O clima das recepções sugeria mais a visita de um líder populista ao estilo de Leonel Brizola. "O senhor sempre esteve aqui com a gente mesmo", dizia um feirante de São Sebastião. "Filippelli é o nosso candidato", afirmava o líder da juventude do PSD em Samambaia, Gilmar Moraes.

A segunda parada do sábado foi em São Sebastião, uma das bases eleitorais do deputado. Na feira da cidade, mais apertos de mão, mais pedidos. Um senhor de cerca de 70 anos, feirante que havia perdido o filho mais novo em um acidente de carro no dia anterior, conta a história para o deputado e a mulher, em lágrimas. Uma dose de conforto e palavras de consolo entram na pauta do dia. "Tenha fé em Deus, tenha fé".

A cidade foi privilegiada nas andanças de Filippelli. Foram cinco paradas em cerca de meia hora. Cada vez que descia do carro, o deputado tinha a mão estendida e um sorriso no rosto, elogios na ponta da língua. A mulher, Célia, segue a mesma cartilha. Em frente à casa de um dos correligionários que visitou, Filippelli tinha outro fã. "Deputado, uma rosa para a vitória", chamou o eleitor. "Conto com você para isso", respondeu.

Mas nem tudo são flores. O quarto compromisso agendado para o dia desperdiçou os instintos de sobrevivência política de Filippelli. O chur-

rasco, a convite de moradores de um condomínio chamado Riacho Fundo, na Ponte Alta, soava como uma armadilha. Os moradores queriam apoio de Filippelli para a regularização do condomínio, estabelecido irregularmente em área rural. O local, no entanto, estava fora de qualquer possibilidade legal, já que foi invadido e os lotes foram criados em área que está sob o controle da Emater. "Imagina se eu me comprometo com alguma coisa que acaba sendo ilegal", esquivou-se Filippelli.

### JANTAR

A próxima parada foi o aniversário de Zofé Gonçalves na Vila Planalto, pré-candidata à Câmara Distrital. "Olha o Filippelli, olha o Filippelli". Os moradores avisavam uns aos outros da chegada do deputado enquanto o companheiro de Câmara Legislativa e de partido, Luiz Estevão, discursava. A predileção tem motivo: lá foi o primeiro lugar onde Filippelli foi administrador no governo Roriz.

Foram mais 70 apertos de mão, mais um discurso, mais pedidos. Maria de Lourdes Santos *atacou* o Filippelli com um xerox de seus documentos na mão. "Não me botaram na lista dos lotes, eu moro aqui desde 73", tentava explicar, esbafordada, em meio à multidão. "Procura o pessoal do meu gabinete e leva os documentos", orientou Filippelli.

Depois da Vila, mais dois aniversários e um jantar. Alguns apertos de mão, uma meia-duzia de beijos. A última parada foi a pizzaria Kazembe 13, mas sem motivos políticos. "Tenho que finalmente comer alguma coisa", justificou. O dia mesmo só terminou à meia-noite e meia. Em casa. Depois de 17 horas.

Carlos Moura



Filippelli conversa com feirantes em São Sebastião

Anderson Schneider



Peniel Pacheco

## Fé em Deus e pé na estrada

Denise Rothenburg  
Da equipe do Correo

Deputado e pastor da Igreja Assembléia de Deus, Peniel Pacheco (PSDB) entrou apressado na Churrascaria do Lago. Estava atrasado para o almoço de comemoração dos 15 anos de casamento de seu Jorge e dona Maria José, integrantes de uma espécie de *Rotary Club* restrito a evangélicos. Todos comeram. Exceto o deputado, que mal conseguiu chegar à mesa do buffet.

Uma senhora o abordou para perguntar se o pastor Peniel pregaria na Assembléia de Deus naquele domingo. Outro quis saber do político se os *pardais* que vigiam os motoristas apressadinhos vão cair em desuso.

Quando Peniel chegou à mesa, já é tarde para almoçar. Os aniversariantes tinham recém-chegado e o deputado se vê obrigado a trocar prato cheio por tribuna. Ali, faria seu segundo discurso do dia, uma homenagem ao casal evangélico.

Mal teve tempo de passar por um assessor e pedir "corra no carro e pega o presente que esqueci lá. Mas só me entrega depois do discurso". Já na tribuna tropeça nas palavras: "Vou chamá-lo de irmão, Jorge. São... 20 anos?", perguntou para a plateia que fez coro corrigindo para 15. "Então, já estou adiantado. É que vocês ainda vão completar, 20, 30 anos unidos na paz de Jesus", tentou consertar.

Terminado o discurso, o deputado seguiu para Santa Maria. Tinha entrevista marcada na rádio 92 FM, que pertence às igrejas evangélicas do Distrito Federal. Entre as perguntas, combinadas previamente, assuntos de interesse do eleitor e do candidato: violência no Distrito Federal e retirada dos pardais.

"O cidadão de Brasília está ficando atrás das grades em casa. Daqui a pouco, teremos que ter grade para carro. Temos que refletir: as pessoas vêm para cá por causa da bolsa-escola do governo e os lotes do Roriz. Será que é esta a Brasília que queremos? Ou é uma cidade melhorada? Aproveitando as eleições, as pessoas terão que avaliar essas propostas dos candidatos e seus reflexos na cidade", disse Peniel.

### LEGALIDADE

A entrevista foi o quarto compromisso naquele dia e o único em que fez um pedido. Nos demais, ele só re-

cebeu. Foram cerca de 50 pedidos no espaço de 14 horas em que o deputado tucano participou de três cultos, café, almoço e entrevista. Já no café da manhã, o pastor Sidraque Pinheiro pediu ao deputado mais espaço para as igrejas evangélicas na distribuição de recursos do orçamento.

"Nós temos que nos empenhar. A Igreja Católica sempre consegue recursos para as pastorais", disse o pastor ao deputado. No meio da conversa, uma menção às eleições. "Acho que, brevemente, teremos que fazer como a Igreja Universal. Escolher um candidato e pedir votos". Peniel discordou do colega: "Não é justo. O importante é conscientizar as pessoas sobre a importância do voto".

O primeiro culto do dia foi na Igreja Memorial Batista, em homenagem aos deficientes visuais. Quando terminou o *anem*, começou a campanha. Ficar conhecido do eleitor é importante. Especialmente em reduto adversário (a Batista é a igreja de outro deputado, Wasny de Roriz, do PT).

Peniel estava sentado próximo a Celso Contalier, que na Igreja Batista é apontado como um dos pais do trabalho de assistência social aos deficientes auditivos. "O senhor é de que cidade?", perguntou Celso. "Sou daqui mesmo. Sou pastor da Assembléia de Deus. Deputado Peniel Pacheco, muito prazer" e daí partiram para uma animada conversa sobre o trabalho da igreja.

Na saída, Peniel não parou: falou com diversas pessoas e recorreu a uma intérprete especialista na linguagem dos sinais para cumprimentar os surdo-mudos.

O diácono Ottoniel quer um vídeo de dez minutos para contar a história da Igreja Batista no Brasil e foi direto ao deputado solicitar o apoio de sua assessoria de imprensa na Assembléia para esse trabalho. O deputado prometeu ajudar e sequer questionou se é legal ou não usar funcionários do gabinete para trabalho extra-legislativo.

### PIZZA

No segundo culto do dia, o próprio deputado fez a pregação. Foi na sua igreja, a Assembléia de Deus, onde Peniel foi abordado pelo pessoal do Banco Central que frequenta a igreja assim que encerram os trabalhos. O interesse desta vez era uma

Anderson Schneider



Peniel prega na Assembléia de Deus

audiência com o senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), por causa da Medida Provisória que cria o plano de carreira do BC, que tem o apoio dos servidores.

Daquele culto, o deputado-pastor seguiu para outro, o último compromisso, na Igreja Presbiteriana. Uma homenagem ao aniversário de Brasília, onde estavam a primeira-dama Gladys Sampaio, a vice governadora, Arlete Sampaio, e um grupo de adversários. Cansado e com fome, Peniel só saiu depois que terminou o culto. Achou que ficaria feio fazer como o deputado Benedito Domingos (PPB-DF), que também é evangélico, mas saiu antes da pregação. Ficou até o fim e ainda cumprimentou os eleitores.

Quando havia poucas pessoas na porta da igreja, ele, finalmente, respirou aliviado: "Vamos comer logo uma pizza. Ainda estou sem almoço e morto de fome". E o domingo de Peniel Pacheco, ironia ou não, acabou em pizza.